

A Mesa da Palavra explicada

Diácono José Luís

Domingo XVIII do Tempo Comum - Ano C – 03.08.2025

1ª leitura – Qohélet (Eclesiástico) 1,2; 2, 21-33

Salmo – Salmo 89 (90)

2ª leitura – Colossenses 3, 1-5.9-11

Evangelho – Lucas 12, 13-21

Irmãos e irmãs na fé em Jesus, rico em amor e misericórdia, pobre no que nos afasta dos outros e de Deus.

“Lembra-te que és pó e ao pó hás-de tornar”.

Este pensamento que assinala o início da nossa caminhada pascal devia orientar a nossa forma de estar no mundo de forma que o sentíssemos como transitório. Um mundo que não só não é nosso, mas também é recebido e deve ser deixado se possível melhor.

Ricos e pobres. A Palavra de Deus coloca diversas vezes em confronto estas duas condições. Mais vezes que outras como as relações humanas e a sexualidade às quais no entanto a Igreja dedica muito mais tempo e atenção.

Como vai a nossa relação com a riqueza?

Serão os ricos os destinados à ira de Deus e os pobres os seus preferidos, como ouvimos e lemos tantas vezes? É que os ricos, se não têm a preferência de Deus, na maior parte do tempo parecem tê-la porque não param de enriquecer e multiplicar as suas posses.

E os pobres? Se são os preferidos, Deus podia mostrar-lhes um pouco dessa preferência agora, aqui neste mundo, quando lhes falta a saúde, a alimentação, a educação, a dignidade. E não apenas guardar o prémio para a promessa duma outra vida.

Estes conceitos, riqueza e pobreza, têm de ser entendidos numa perspectiva evangélica e não de simples posse de bens.

Como sabemos e todos conhecemos, há ricos em bens que são frugais e desprendidos e utilizam a sua riqueza para melhorar a situação de muita gente e há muitos pobres que não têm o mínimo necessário para viver com dignidade, mas que não fazem o mínimo esforço para melhorar a sua situação e até reclamam do que lhes é partilhado com a altivez de quem é rico.

A Leitura 1 é do Livro de Qohélet, uma palavra hebraica que quer dizer “aquele que preside a uma assembleia de culto”. A palavra grega com o mesmo significado é Eclesiástico, que nos habituamos a ouvir há alguns anos.

Numa afirmação muito conhecida, o autor começa por dizer-nos que tudo é vaidade. Na Bíblia dos Capuchinhos a tradução é “tudo é ilusão”. Tudo é vaidade não se refere à vaidade narcísica, a imodéstia pessoal que nos leva a vermo-nos como o centro de tudo, mas sim ao significado de vaidade como vazio. Tudo é vão, tudo é em vão. De que serve acumular riqueza se não está ao nosso alcance a eternidade e fatalmente iremos deixar tudo a quem muitas vezes desconhecemos as intenções?

Então vamos ser todos pobres? Viver do que caí do Céu?

Não íamos longe nem é isso que o autor nos quer dizer. Ouçamos o final do Livro de Qóhelet: (Ecl 12, 13-14)

Ah, então vale a pena procurarmos a realização dos nossos desejos neste mundo. Desde que guardemos os preceitos daquele que é o autor da vida, que utilizemos o mundo sem o sentir só nosso, mas de todos. As dificuldades existirão sempre, mas se colocarmos Deus acima de tudo, não nos sentiremos superiores a ninguém. Ricos mas pobres.

Na Leitura 2, S. Paulo diz-nos também como proceder, deixando de lado o que é vão e passageiro e procurando o que pode fazer de nós uma humanidade nova. As imoralidades, as paixões, a inveja, a mentira, são caminhos que muitos de nós seguem para alcançar a riqueza. Idolatrados como falsos deuses numa religião falsa que divide e separa em vez de aproximar.

No Evangelho, Jesus vai ajudar-nos a entender melhor este ensinamento de Qhóelet.

Na primeira parte da leitura, Jesus toma uma atitude que até pode parecer estranha.

Alguém, talvez considerando ser Jesus a melhor pessoa para decidir o que é justo e o que é injusto, pede-Lhe que intervenha na divisão dum herança. Porque é que Jesus decide não intervir?

Continuando a ser Deus, Jesus vem ao mundo como homem, sujeito à condição humana. Que nos faz aceitar não sabermos tudo, não sermos capazes de tudo. Aceitar que há outras pessoas com diferentes capacidades com quem temos de partilhar a construção dum mundo melhor.

Jesus veio trazer-nos a boa-nova, dar-nos a conhecer o Pai, mostrar que temos de amar-nos uns aos outros como irmãos, mas nunca se meteu a dar conselhos práticos de como fazer.

Não disse aos pescadores como pescar mais e melhor, nem aos agricultores como aumentar o rendimento da terra. Nunca deu sugestões políticas nem económicas, nem religiosas.

Se o fizesse, estava a tirar-nos a liberdade e a colocar-nos totalmente dependentes de um destino traçado por um Deus paternalista.

Os dois irmãos que procurassem a justiça dos homens. Jesus não pode substituir os tribunais.

Uma segunda razão para o procedimento de Jesus, também pode ter sido a falta de paciência para aturar uma questão tão mesquinha e desprezível como dois irmãos zangarem-se por causa de partilhas.

Para que entendessem como a inveja e a cobiça apenas produzem riquezas vazias, simples vaidades passageiras, Jesus conta-lhes a Parábola da Colheita do homem rico: logo na noite da vitória humana, acontece a justiça divina.

Agora que depois de tanto esforço estava tudo a correr tão bem, acontece-me isto. Logo a mim. Quem nunca?

Lembra-te que és pó e ao pó hás-de tornar.

Então se o rico tivesse distribuído a sua excelente colheita, se tivesse recompensado os seus trabalhadores e aliviado os seus esforços, não morreria na mesma?

Sim, morreria. Até talvez nessa noite. Mas seria recebido como justo no Céu porque foi justo na Terra. Seria lembrado na Terra porque estava com certeza no Céu e o seu exemplo seria semente de fraternidade e raiz de um mundo mais fraterno e mais justo.

Ser cristão, seguidor de Cristo, todos os dias, é a tarefa mais difícil das nossas vidas. Muitos poucos o conseguem. Interpretar as questões do mundo e responder como Jesus, fazer como Jesus, exige de nós um cuidado pelo qual devemos rezar todos os dias: o cuidado de amar como Jesus amou.

José Luís